

Precisamos criar a arquitetura do nosso futuro | Carta Semanal 25 (2022)



Diego Rivera (México), *Bens congelados*, 1931.

Queridos amigos e amigas,,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social Research**.

Em abril de 2022, as Nações Unidas estabeleceram o **Grupo Global de Resposta a Crises sobre Alimentos, Energia e Finanças**. Este grupo está acompanhando as três principais crises de inflação de alimentos, inflação de combustível e dificuldades financeiras. Seu **segundo** informe, divulgado em 8 de junho de 2022, apontou que após dois anos da pandemia de Covid-19:

a economia mundial foi deixada em um estado frágil. Hoje, 60% dos trabalhadores têm rendimentos reais mais baixos do que antes da pandemia; 60% dos países mais pobres estão em situação de sobreendividamento ou correm alto risco de assim se tornarem; os países em desenvolvimento perdem 1,2 trilhão de dólares por ano para preencher a lacuna de proteção social; e 4,3 trilhões de dólares são necessários por ano – mais dinheiro que nunca – para cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Esta é uma descrição perfeitamente razoável da angustiante situação global, e o provável é que as coisas piorem.

De acordo com o Grupo de Resposta a Crises Globais, a maioria dos Estados capitalistas já conseguiu recuperar os fundos de ajuda que forneceram durante a pandemia. “Se os sistemas de proteção social e as redes de assistência não forem adequadamente estendidos”, afirma o relatório, “as famílias pobres nos países em desenvolvimento que enfrentam a fome devem reduzir os gastos relacionados à saúde; crianças que abandonaram temporariamente a escola devido à Covid-19 podem agora ficar permanentemente fora do sistema educacional; pequenos proprietários ou microempreendedores podem fechar suas lojas devido a contas de energia mais altas”.



Renato Guttuso (Itália), *La Vucciria*, 1974.

O Banco Mundial **informa** que os preços dos alimentos e combustíveis permanecerão em níveis muito altos pelo menos até o final de 2024. Uma vez que os preços do trigo e das oleaginosas aumentaram, relatórios em todo o mundo – inclusive em países ricos – apontam que famílias da classe trabalhadora começaram a pular refeições. Esta preocupante situação alimentar levou a Advogada Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para o Financiamento Inclusivo e Desenvolvimento, Rainha Máxima da Holanda, a **prever** que muitas famílias passarão a fazer uma refeição por dia, o que, diz ela, “será o fonte de ainda mais instabilidade” no mundo. O **Fórum Econômico Mundial acrescenta** que estamos no meio de uma “tempestade perfeita” levando em conta o impacto do aumento das taxas de juros nos pagamentos de hipotecas, bem como salários inadequados. A diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristalina Georgieva-Kinova,

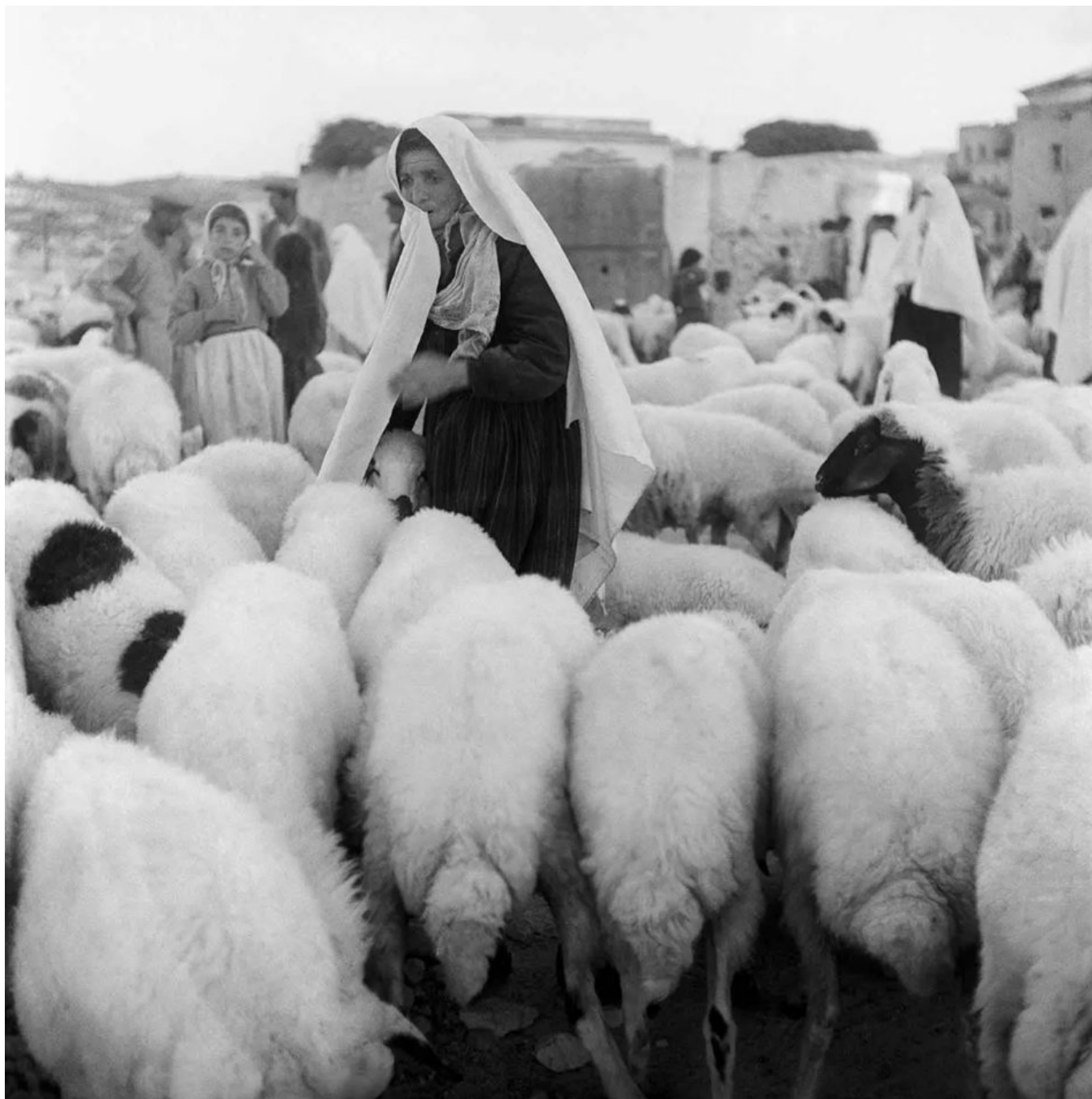
disse no final do mês passado que o “**horizonte tornou-se sombrio**”.



Cândido Portinari (Brasil), *Café*, 1935.

Essas avaliações partem de pessoas que estão no centro de poderosas instituições globais – FMI, Banco Mundial, Fórum Econômico Mundial e ONU (e até mesmo de uma rainha). Embora todos reconheçam a natureza estrutural da crise, eles relutam em ser honestos sobre os processos econômicos que estão na raiz dessa situação, ou mesmo sobre como nomear adequadamente a situação. David M. Rubenstein, chefe da empresa global de investimentos The Carlyle Group, disse que quando trabalhou no governo do presidente dos EUA, Jimmy Carter, o consultor de inflação **Alfred Kahn os alertou** para não usar a palavra iniciada em “R” – recessão – que “assusta as pessoas”. Em vez disso, aconselhou Kahn, use a palavra “banana”. Em referência a essa anedota, **Rubenstein comentou** sobre a situação atual: “não quero dizer que estamos em uma banana, mas diria que uma banana pode não estar tão longe de onde estamos hoje”.

O economista marxista Michael Roberts não se esconde atrás de palavras como banana. Roberts estudou a taxa média global de lucro sobre o capital, que ele mostra estar caindo, com pequenos reveses, desde 1997. Essa tendência foi exacerbada pela crise financeira global de 2007-08, que levou à Grande Recessão em 2008. Desde então, ele argumenta, a economia mundial está nas garras de uma “**longa depressão**”, com a taxa de lucro em um mínimo histórico em 2019 (logo antes da pandemia).



Yildiz Moran (Turquia), *Mãe*, 1956.

“O lucro impulsiona o investimento no capitalismo”, **escreve** Roberts, “e, portanto, a queda e a baixa lucratividade levaram a um crescimento lento no investimento produtivo”. As **instituições capitalistas foram** do investimento na atividade produtiva para, como diz Roberts, “o mundo de fantasia dos mercados de ações e

títulos e criptomoedas”. A propósito, **o mercado de criptomoedas despencou** em mais de 50% este ano. Lucros cada vez menores no Norte Global levaram os capitalistas a **buscar lucros** no Sul Global e **derrotar** qualquer país (especialmente China e Rússia) que ameace sua hegemonia financeira e política, com força militar, se necessário.

Medonho é o caminho da inflação, mas a inflação é apenas o sintoma de um problema mais profundo e não a causa. Esse problema não é apenas a guerra na Ucrânia ou a pandemia, mas algo que os dados confirmam – sempre negado em coletivas de imprensa: o sistema capitalista, mergulhado em uma depressão de longo prazo, não pode se curar. Ainda este ano, o caderno n. 4 sobre a teoria da crise do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, escrito pelos economistas marxistas Sungur Savran e E. Ahmet Tonak, estabelecerá esses pontos com muita clareza.



Aboudia (Costa do Marfim), *sem título*, 2013.

Por ora, a teoria econômica capitalista supõe que qualquer tentativa de resolver uma crise econômica, como uma crise inflacionária, não deve, como **John Maynard Keynes escreveu em 1923**, “decepcionar o rentista”. Detentores de títulos ricos e grandes instituições capitalistas controlam a orientação política do Norte Global para que o valor do dinheiro *deles* – trilhões de dólares acumulados por uma minoria – esteja assegurado. Eles

não podem, como Keynes escreveu há quase cem anos, se decepcionar.

As políticas anti-inflacionárias conduzidas pelos EUA e pela zona do euro não vão aliviar o fardo da classe trabalhadora em seus países, e certamente não no endividado Sul Global. O presidente do Federal Reserve dos EUA, **Jerome Powell**, admitiu que sua política monetária “causará alguma dor”, mas não em toda a população. Sendo mais honesto, **Jeff Bezos, da Amazon**, tuitou que “a inflação é um imposto regressivo que mais prejudica os menos abastados”. O aumento das taxas de juros no Atlântico Norte torna o dinheiro muito mais caro para as pessoas comuns naquela região, mas também torna praticamente impossível o empréstimo em dólares para pagar as dívidas nacionais no Sul Global. Aumentar as taxas de juros e apertar o mercado de trabalho são ataques diretos à classe trabalhadora e às nações em desenvolvimento.

Não há nada de inevitável na luta de classes dos governos do Norte Global. Outras políticas são possíveis; alguns deles estão listados abaixo:

1. Taxar os ricos. Existem 2.668 bilionários no mundo que possuem 12,7 trilhões de dólares; o dinheiro que eles escondem em paraísos fiscais ilícitos soma cerca de 40 trilhões. Essa riqueza poderia ser trazida para uso social produtivo. Como **observa a Oxfam**, os dez homens mais ricos têm mais riqueza que 3,1 bilhões de pessoas (40% da população mundial).
2. Tributar grandes corporações, cujos **lucros aumentaram além da imaginação**. Os **lucros corporativos dos EUA aumentaram 37%**, muito acima da inflação e dos aumentos de remuneração. Ellen Zentner, economista-chefe dos EUA da empresa líder de serviços financeiros Morgan Stanley, **argumenta** que, durante a longa depressão, houve uma queda “sem precedentes” na parcela do Produto Interno Bruto auferida pela classe trabalhadora nos Estados Unidos. **Ela pediu** um retorno a um equilíbrio mais justo entre lucros e salários.
3. Usar essa riqueza social para aumentar os gastos sociais, como fundos para acabar com a fome e o analfabetismo e construir sistemas de saúde, bem como formas de transporte público sem carbono.
4. Instituir **controles de preços** para bens que especificamente aumentam a inflação – como preços de alimentos, fertilizantes, combustível e medicamentos.



O grande escritor de Barbados, **George Lamming (1927-2022)**, nos deixou recentemente. Em seu ensaio de 1966, “**O povo das Índias Ocidentais**“, Lamming disse: “A arquitetura do nosso futuro não está apenas inacabada; o andaime mal subiu”. Esse era um sentimento poderoso de um grande visionário, que esperava que sua casa no Caribe, as Índias Ocidentais, fosse transformada em uma região soberana que pudesse aliviar seu povo de grandes problemas. Não foi assim. Estranhamente, Georgieva-Kinova, do FMI, citou essa linha **em um artigo recente** ao defender a região para colaborar com o FMI. É provável que Georgieva-Kinova e sua equipe não tenham lido todo o discurso de Lamming, pois o seguinte parágrafo é instrutivo hoje como era em 1966:

Há, creio eu, um formidável regimento de economistas nesta sala. Eles ensinam as estatísticas de sobrevivência. Eles antecipam e alertam sobre o preço relativo da liberdade... Gostaria apenas que você tivesse em mente a história de um trabalhador comum de Barbados. Quando lhe foi perguntado por outro indiano ocidental que não via há cerca de dez anos, “e como estão as coisas?”, ele respondeu: “O pasto está verde, mas eles me amarraram com uma corda curta”.

Cordialmente,

Vijay.